

A EXPERIMENTAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: AS CONCEPÇÕES DO PROFESSOR

Grasiele Ruiz Silva [ruiz.grasi@gmail.com]

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências/FURG

Campus Carreiros, 96201-900, Rio Grande, RS – Brasil

João Alberto da Silva [joaosilva@furg.br]

Depto de Física – FURG– Caixa Postal 474

Campus Carreiros, 96201-900, Rio Grande, RS – Brasil

O presente resumo vem apresentar os primeiros passos de um projeto de dissertação de mestrado, o qual tem como o foco a experimentação no ensino de Ciências dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A ideia de experimentação não se restringe a um processo que exige materiais complicados que “organizados” geram um experimento que apresenta um conceito aos alunos, ele vai além disso. Experimentação é o ato de desafiar, manipular, conhecer o novo e aprimorar o velho. É levar o aluno a interagir com o objeto do conhecimento, sendo essa interação não apenas um ato de agir fisicamente, mas, também, a agir mentalmente. Para Borges e Moraes (1998), “experimentar, portanto, é submeter à experiência; é por à prova; é ensaiar; é conhecer ou avaliar pela experiência” (p. 30). Através dela a criança não apenas adquire conhecimento, mas também desenvolve a capacidade de pensar e agir racionalmente. Além disso, segundo Piaget (1994), “uma experiência que não seja realizada pela própria pessoa, com plena liberdade de iniciativa, deixa de ser, por definição, uma experiência, transformando-se em simples adestramento” (p. 17). Dessa forma, o projeto busca investigar qual o papel da experimentação no Ensino das Ciências nos anos iniciais; tendo como um dos seus focos a concepção do professor sobre o uso da experimentação para trabalhar as Ciências. Para tanto, a pesquisa iniciou-se através de entrevistas semi-estruturadas com professores atuantes nessa etapa de escolarização. Com tais entrevistas pretende-se saber de que forma a experimentação é contemplada e qual a importância da mesma ao ver de cada professor para o processo de aprendizagem da criança. Desde as primeiras entrevistas realizadas, pode-se perceber que a experimentação se apresenta, nos discursos dos professores, como sendo uma forma de mostrar a relação das Ciências com o dia-a-dia dos alunos e que este ajuda a incentivá-los a gostar de Ciências. Em uma das falas o professor justifica o gostar de experimentação dizendo que a utiliza “*porque eles vivenciam, eles constroem o conhecimento, e tiram outras conclusões além do esperado*” (S4), outro afirma que ao utilizá-la “*o aluno é o sujeito da ação [...] ele fixa melhor o conteúdo*” (S5). Com relação à realização de registros pelos alunos grande parte dos professores deixa claro que se fazem é com o objetivo de fixar os conceitos trabalhados ou para poderem mostrar aos pais o que tem sido feito na sala de aula. Quando se discute sobre a forma de avaliar uma atividade experimental um dos professores conta que “*se interessou o aluno*” (S1) a atividade foi positiva, e que o importante é fazer com que o aluno preste atenção. Com essas entrevistas pudemos perceber que a experimentação tem se apresentado, nas salas de aula desses professores, como um atrativo, tendo um papel motivacional para o Ensino de Ciências. Dessa forma, nesses primeiros passos do projeto vemos que a experimentação tem sido visto por estes professores como um auxiliar e não com um objeto didático que pode ajudar a criar as condições necessárias para que o aluno realize uma interação com o conhecimento, para que se desenvolva cognitivamente. Todo saber experimentado pelo aluno pode proporcionar que ele reconstrua conceitos e teorias já elaboradas pelas ciências, permitindo que, além de reorganizar suas estruturas cognitivas também se aproprie dos modos de produção e construção das ciências, mas para que isso ocorra devesse ir além do “adestrando” de comportamentos, o qual rompe com o processo “natural” de construção dos saberes científicos.

Apoio: CAPES